

Dossiê

O Sul é lugar na totalidade-mundo: crítica e literatura relacionais na América Latina

Claudete Daflon 

RESUMO:

O presente ensaio deslinda as potencialidades representadas por uma literatura e uma crítica relacionais na América Latina, isto é, comprometidas com processos multidirecionais e dinâmicos não restritos aos limites estabelecidos por fronteiras nacionais, disciplinares ou formais. Para esse fim, definiu-se como base teórica a obra do poeta e ensaísta das Antilhas Édouard Glissant, com ênfase nos conceitos de totalidade-mundo, lugar, diversidade e relação, associada a uma perspectiva decolonial. A poética da Relação de Glissant e a contribuição dos estudos decoloniais tornaram possível um estudo que, crítico às estruturas dicotômicas modernas (como centro e periferia; natureza e cultura; corpo e mente), explorasse a percepção, no âmbito da literatura latino-americana contemporânea, de consonâncias éticas e estéticas não óbvias. Nesses termos, buscou-se reconhecer processos criativos intercomunicantes desenvolvidos em realidades situadas na América Latina por meio da abordagem comparativista de obras do poeta brasileiro Edimilson de Almeida Pereira e da escritora chilena Diamela Eltit. Diante da constatação de que, em suas evidentes diferenças, Pereira e Eltit exploram a violência impressa no corpo da linguagem como parte de uma atitude criadora capaz de convocar relações, propôs-se a mutilação como conceito operador da leitura crítica de obras que, a exemplo das selecionadas, pressupõem o lugar como elemento da enunciação da experiência no Sul Global. A mutilação constituiria, nesses termos, elemento estético de conexão entre atividades literárias desenvolvidas a partir da apropriação criativa e reflexiva de ações de destruição em contextos geopolíticos e culturais atravessados pela colonialidade. Concomitantemente, buscou-se desenvolver a própria ensaística como exercício da relação convertida em fundamento metodológico da crítica literária.

Palavras-chave: Diamela Eltit. Edimilson de Almeida Pereira. Édouard Glissant. Relação e mutilação. Ensaio e crítica latino-americanos.

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

José Luís Jobim
Wail S. Hassan
Editores convidados

Disponibilidade de dados e material:
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo

Recebido em: 21/02/2025
Aceito em: 19/05/2025

¹Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
E-mail: claudetedaflon@id.uff.br

Como citar/How to cite:

DAFLON, Claudete. O Sul é lugar na totalidade-mundo: crítica e literatura relacionais na América Latina. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 67, e66702, maio.-ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.66702.pt>

Em 2010 e 2015, respectivamente, o cineasta chileno Patricio Guzmán levou a público os filmes *Nostalgia da luz* (*Nostalgia de la luz*) e *O botão de pérola* (*El botón de nácar*) cujas propostas se fundavam na abordagem da topografia e da natureza do Chile como elementos estruturantes da reflexão sobre a realidade do país. O debate sobre os desaparecidos políticos durante a Ditadura de Augusto Pinochet confunde-se, pelas lentes de Guzmán, com aquele que se desenvolve sobre os povos da pré-história americana, as populações subjugadas pelo processo colonizador e os trabalhadores chilenos explorados. Diante dos desaparecidos, prisioneiros políticos, operários ou ameríndios, parece impor-se também a discussão sobre o tempo e o espaço tal como são percebidos no âmbito de ciências como a astronomia e a arqueologia, de um lado, e na memória de indivíduos e culturas, de outro. Na contramão das dicotomias caras à metafísica cartesiana, o tratamento dado ao tema se realiza na construção mesma da linguagem cinematográfica, cujo desenvolvimento se aproxima do filme ensaio. Além disso, merece destaque como a inserção da subjetividade do cineasta na narrativa permite conectar tanto as suas memórias à história do país quanto os restos mortais encontrados no Atacama à poeira das estrelas e o mar da Patagônia à explosão de uma supernova. A subjetividade criadora em *Nostalgia da luz* e *O botão de pérola* não se limita ao emprego da voz do diretor em *off* ou ao relato de experiências pessoais, na verdade, se estabelece como recurso narrativo necessário à articulação de aspectos da realidade natural, histórica e política do Chile. Ao entender que a América Latina não cabe em propostas de realidade única (Guzmán, 2016, p. 111), o diretor aposta em um cinema de autor ou “documental de criação” caracterizado pela elaboração de nexos não óbvios. O método criativo de Guzmán parece derivar da busca por uma linguagem capaz de produzir percepções mais relacionais no enfrentamento à realidade latino-americana e, nessa chave, a preocupação com a forma se traduz em ação reflexiva ou a problematização epistemológica se apresenta como realidade estética. De todo modo, a materialidade da linguagem, enquanto corpo e presença, ganha força política.

A experiência do cinema documental de Patricio Guzmán exemplifica, portanto, a atitude criadora que, diante da multiplicidade desafiadora da América Latina, se singulariza pela busca de relações. Sobressai a dimensão dialógica e dinâmica no processo criativo, como assinala Edimilson de Almeida Pereira em sua reflexão sobre a literatura que pratica:

... procuro tecer uma poética apoiada numa lógica de relações, que me permite transitar entre paisagens culturais variadas buscando, naturalmente, ouvir as vozes dos autores que traduziram ou traduzem essas paisagens. Paralelamente, sei da necessidade de gerar uma obra que seja porosa para aceitar o teor de outras poéticas, mas, também, exigente para desenhar os seus próprios contornos. (Pereira, 2023a, p. 47).

O poeta mineiro explora a comunicabilidade entre experiências advindas de contextos geopolíticos diversos. Esse posicionamento se aproxima do que Édouard Glissant, escritor da Martinica, concebeu como *diversidade*: “O diverso são as diferenças que se encontram, se ajustam, se opõem, afinam-se e produzem o imprevisível” (Glissant, 2005, p. 99). Em sua obra ensaística, Glissant propõe uma *totalidade-mundo*, que, em contraste com formas totalitárias ou totalizantes, se apresenta como a afirmação de noções de conjunto a partir da diversidade. A defesa do diverso está no cerne do que o autor caribenho desenvolveu como uma poética da relação, possível apenas na diferença. A *relação*, em sua natureza móvel, errática e imprevisível, se opõe a formas de controle e favorece, assim, a riqueza de possibilidades decorrentes dos encontros entre línguas e culturas.

Se é preciso pensar o mundo para expressá-lo, ou mesmo se situar nele, Glissant entende que a intenção poética permite “conceber que na minha relação com o outro, com os outros, com todos os outros, com a totalidade-mundo, eu me transformo permutando-me com este outro, permanecendo eu mesmo, sem negar-me, sem diluir-me” (Glissant, 2005, p. 103). Sob esse prisma, para que um povo participe da relação, não pode deixar-se assimilar, precisa oferecer resistência à assimilação, mas também não deve encerrar-se em si mesmo. Para o escritor antilhano, o lugar é incontornável na medida em que, sem se fixar e fechar, se relaciona com o mundo. A esse respeito, acrescenta: “A relação verdadeira não é do particular com o universal, mas do lugar com a totalidade-mundo” (Glissant, 2005, p. 106). O ensaísta refuta formas abstratas de universalização, especialmente por seu caráter homogeneizante, em prol da experiência do lugar, que, por sua vez, está para a totalidade-mundo na medida em que esta existe como movimento e conexão entre distintas realidades.

Por outro lado, a incorporação da alteridade e do local no estrato da linguagem literária baliza a ética relacional também como poética. Não por acaso, escritores como Edimilson Pereira, Édouard Glissant e Diamela Eltit fazem da relevância da elaboração estética em sua obra o reconhecimento da linguagem como parte de uma ação sobre o mundo. Sensível à potência da ficção, a escritora chilena declara:

Si aceptamos que el lenguaje no es inocente, que está cargado por el juego móvil de la historia (en el sentido del encuentro de la ‘gran historia’ con las huellas concretas de la historia biográfica, trenzadas en un transcurso social), si adscribimos a la posibilidad de pensar que lo literario (en tanto escritura) contiene los síntomas de un despilfarro – por su economía diversa, por su rango metafórico –, y cuyo sentido apela a develar precisamente los sentidos del lenguaje, a través de la virtualidad social del texto, entonces, sí se puede examinar – a mi juicio – la filiación política de una obra. (Eltit, 2014, p. 196-197).

A materialidade da escrita aparece como instância política, uma vez que, segundo Eltit, as opções relacionadas à linguagem podem assumir um sentido social. A trama da escritura, marcada por entrecruzamentos múltiplos, não apenas revela a vinculação sociopolítica da criação literária, mas também ressalta como esse processo se situa no campo da diversidade: “diversidad de escrituras, diversidad siempre política” (Eltit, 2014, p. 197).

A escritora, que permaneceu no Chile durante o regime de Pinochet e realizou um percurso importante junto às artes de vanguarda no país, imprimiu em sua ficção a preocupação com a investigação e experimentação literária. Porém, em seu itinerário como ficcionista, a atenção dada ao estético não esteve dissociada de questões sociais e políticas; bem ao contrário. Sua atuação no campo da cultura se caracterizou pela articulação entre diferentes formas de expressões e o exercício de experiências de alteridade. Isso está evidente, por exemplo, no livro *O infarto da alma* (2020), que Diamela Eltit assinou junto à fotógrafa Paz Errázuriz. O projeto desenvolvido na década de 1990 envolveu a realização de um ensaio fotográfico e de um diário de viagem (na verdade, anotações em prosa relacionadas à experiência) publicados em conjunto em 1994. O material resultante de visitas feitas ao “hospital mais lendário do Chile, o manicômio da cidadezinha de Putaendo, agora chamado Philipe Pinel” (Eltit, 2020, p. 12) compõe um retrato empático de parte da população que, apesar do estigma a que foi submetida, surpreende em sua disposição para o amor: “E quando já não cabe indagar sobre o desprestígio daqueles corpos, quando sei que eu jamais poderia dar conta da exiguidade na qual uma vida humana pode transcorrer, quando estou certa de que mal possuo umas poucas palavras insuficientes, aparece o primeiro casal de apaixonados” (Eltit, 2020, p. 14). A filiação amorosa daquelas gentes suprimidas e mutiladas, retiradas compulsoriamente da cena pública, vai ao encontro de uma outra modalidade de amor a que se rende a escritora – o amor pelas palavras: “Depois de tudo, viajei para viver minha própria história de amor. Estou no manicômio pelo amor que tenho à palavra. Pela paixão que a palavra ainda provoca em mim” (Eltit, 2020, p. 14). A associação afetiva não só torna possível a visita da escritora, mas também estabelece entre a visitante e os internos uma conexão.

Na realidade partida que caracteriza a prática asilar e outras formas de isolamento, construir relações não equivale a reatar laços perdidos, mas criar maneiras de associação entre sujeitos e modos de existir. A mesma sensibilidade artística que reconhece as divisórias de uma instituição que “separa” se volta para possibilidades de relação: “Como se o mundo todo estivesse dividido em dois blocos, o da equipe e dos pacientes. Um mundo fracionado, que só permanecia conectado graças à luz filtrada pelas janelas. Os asilados tomam sol” (Eltit, 2020, p. 14). A luz do sol, como fio e ligação, permite uma comunicação frágil entre aquilo que se optou por separar, mas também funciona como

agente de revelação que, como em um negativo fotográfico, experimenta a inversão das situações vividas: os funcionários do hospital mais presos que os internos. Trata-se de uma literatura desafeita à simplificação de antagonismos cotidianos, como os que separam biológico e social ou corpo e mente.

A atitude interrogativa, crítica e insurgente de Eltit atravessa sua escrita ensaística tanto quanto sua obra ficcional, em parte, talvez, pelo fato de a escritora compreender o labor com a linguagem como manifestação de seu inconformismo diante de disposições monocráticas, estruturas sociais opressivas e violências continuadas contra mulheres e grupos sociais desfavorecidos. O investimento estético é uma forma de luta política.

Todavia, pode causar estranheza, à primeira vista, colocar em diálogo experiências, a princípio, distantes umas das outras como se optou por fazer aqui. A proposta de filme ensaio por um cineasta chileno em travessia por paisagens da memória desenhadas na topografia do deserto e nas águas frias da Patagônia; o conjunto ensaístico e poético de um escritor negro de Minas Gerais pesquisador peregrino de tambores, cantos e poesias; a reflexão de um ensaísta da Martinica que concebe o pensamento do arquipélago a partir do lugar – as Antilhas – em uma totalidade-mundo; a prosa ficcional e o ensaio de uma escritora chilena feminista interessada no corpo estético e político da palavra. A aparência pode ser de um painel, mas o olhar crítico tornou possível reunir esse conjunto heterogêneo. A crítica, ao ser capaz de reconhecer processos criativos relacionais, tem a oportunidade de ela também construir nexos. Por isso, cabe dizer que o fazer crítico é afetado pelo reconhecimento de expressões artísticas, e mais particularmente da literatura, como “realidades marcadas pelo sentido relacional”, pois “a experiência poética demonstra que o modo como o sujeito estabelece certas representações estéticas contribui para que o mesmo e sua comunidade estabeleçam determinadas formas de se relacionarem entre si e com o mundo” (Pereira, 2023a, p. 42-43).

Além disso, o quadro geral formado pelos autores selecionados desvela como a problematização de fronteiras geopolíticas, disciplinares e estéticas constitui um desafio importante a ser enfrentado, o que se estende à crítica comprometida com as realidades do Sul global. Em outras palavras, no contexto latino-americano, percursos artístico-literários pautados na relação demandam, por sua vez, uma abordagem relacional. Isso significa que a produção crítica deve orientar-se pela autoinvestigação, ou seja, pela busca de modalidades diversas de existir. Acrescente-se que, diante do pensamento urdido na experiência mesma da linguagem ficcional e do investimento ético da estética, o crítico é provocado a conceber sua tarefa como elaboração de um conhecimento que, proposto pela materialidade de seu objeto, se realiza também na sua escrita. A criação não é designação exclusiva da poesia, nem o é a atitude reflexiva sobre usos da linguagem.

Pode-se resumir assim: em meio à violência colonial própria a um mundo cindido, a construção de relações significa disputar a concepção de mundo e dos modos de habitá-lo, buscando recuperar práticas marginalizadas e/ou inventar novas. Esse tipo de iniciativa demanda da crítica uma potência imaginativa e uma disposição política capazes de responder à complexidade de realidades como as que encontramos na América Latina.

Subtrair o Sul

Ao se pensar uma região tão ampla e heterogênea como a América do Sul a partir do que haveria de comum, entra em cena inevitavelmente a experiência colonial. Nessas regiões identificadas geopoliticamente como Sul, eclodem experiências artísticas preocupadas em explorar o passado colonial junto a expressões contemporâneas da colonialidade. Ao se assumir como aspecto fulcral de algumas dessas obras a potência política da linguagem, o empreendimento crítico deve ser no sentido de avançar sobre os modos como paisagens distintas se estabelecem em relação. Para isso, faz-se necessário explorar interconexões múltiplas sem render-se a soluções simplificadas que conduzam a formas de indiferenciação, de um lado, ou à polarização, do outro.

Em plaquete publicada em 2022 pelo “Círculo de poemas”, como parte de um projeto editorial de livros em pequeno formato em que trabalhos de artistas visuais e escritores são interrelacionados, o poeta mineiro Edimilson de Almeida Pereira desenvolve interlocução com obra do pintor Artur Timóteo da Costa (1882-1922): trata-se de “[*Estudos de cabeça*]”, pintura realizada entre 1894 e 1922 e que, tal como indica o título, compreende o estudo de cabeças humanas, mais precisamente de um homem negro.

Edimilson Pereira constrói um encontro poético entre as cabeças de Artur Timóteo e o diquixi, “figura mitológica de Angola portadora de muitas cabeças” (Pereira, 2022, p. 4), de maneira que, na plaquete *Diquixi*: estudo para cabeças de Artur Timóteo da Costa, o diálogo da poesia brasileira contemporânea com o trabalho de um artista negro falecido há 100 anos e não incluído no cânone das artes do país revela aspectos importantes relacionados à situação de populações afrodiaspóricas no Brasil.

Na verdade, a evocação do diquixi participa de uma elaboração poética e política das cabeças cortadas, especialmente quando se consideram práticas coloniais que tornaram correntes e aceitáveis processos de mutilação. A historiadora Ana Sallas observa como viajantes alemães no Brasil no século XIX buscaram ossadas, fragmentos e especialmente crânios para estudos. As “peças” obtidas eram muitas vezes levadas à Europa, o que, sem dúvida, nos remete à constituição de acervos de museus e instituições científicas. De forma interessante, Sallas relaciona as cabeças cortadas àquelas representadas em desenhos

e aquarelas, uma vez que a imagem de crânios separados de seus corpos também “serviu de base para o conhecimento científico com relação às diferenças raciais, em especial aquelas suscitadas pela craniologia” (2013, p. 215). Ademais, ao tratar um único indivíduo como representante de todo um grupo, “[E]sse tipo de representação só vinha a reforçar a integração do estudo dos habitantes indígenas ao ramo da história natural [...]” (Sallas, 2013, p. 215).

O processo de coleta para avaliação científica não se restringiu à retirada do espécime de seu contexto de origem e sua fixação sob a forma de vegetais exsiccados, animais empalhados ou fragmentos de corpos convertidos em material de estudo. Houve também a exportação de “espécimes vivos” numa lógica que não diferenciava plantas, animais e indígenas, visto serem todos igualmente considerados *objetos* sob escrutínio de um *sujeito*: o cientista e o artista. O procedimento classificatório pautado em exemplares representativos de toda uma espécie ganha, de fato, expressão plástica e visual nos extensos tratados de história natural. O desenho e a fotografia tiveram papel importante na construção de uma visualidade marcada por um método de conhecimento que objetificava na mesma proporção que isolava, desconectava e fixava espécimes ou suas partes. A ordem científica e colonial incluiu uma expressão visual, portanto, fundada na mutilação. Vale lembrar que a violência representada pelas cabeças reduzidas a peças e tratadas como objetos científicos ou mesmo artísticos está diretamente vinculada à destruição sistemática de grupos humanos classificados como primitivos.

O valor colonial do estudo das cabeças está indicado nos versos de *Diquixi*: “Na reunião de uma sociedade/pseudocientífica/tua cabeça/ foi cortada com o peso da mão/sobre um mapa” (Pereira, 2022, p. 5). As fronteiras e o controle de territórios têm a cumplicidade da ciência ou de pseudociências. O poeta situa no mesmo plano a terra e o corpo, ambos divididos, retalhados e apropriados. Certamente, está em evidência a relação corpo-terra e corpo-território. Se considerarmos junto a Verónica Gago (2020), em sua reflexão sobre o feminismo, a relevância da noção de corpo-território reside no fato de que, em contraposição ao entendimento corrente do corpo individualizado e desconectado, se propõe a percepção de um processo extensivo que torna as disputas públicas em uma questão de cada indivíduo.

Nesse contexto se solidifica a seletividade do humano amparada na separação homem/natureza, corpo/alma e sujeito/objeto (Daflon, 2022), bem como seus efeitos negativos persistentes. Discussões teóricas contemporâneas no campo da antropologia, em particular no que se tem sido chamado de “virada ontológica”, têm associado o debate sobre o humano à questão ambiental e ao futuro da vida no planeta. Do mesmo modo, essas questões vêm mobilizando os estudos decoloniais frente às demandas de uma região marcada por processos históricos de dominação e destruição como é o caso da América Latina.

No entanto, o diquixi, na perspectiva de Edimilson de Almeida Pereira, assume outro sentido na medida em que, como declarou o poeta mineiro em *live* de lançamento da plaquete, ao cortar uma de suas cabeças, outra ainda maior nasce no lugar da subtraída e, conseqüentemente, esse ser mítico só poderia ser derrotado se todas suas cabeças fossem cortadas em um único golpe. Nesse sentido, as múltiplas cabeças do diquixi surgem como afirmação de uma coletividade, um *continuum*, que sobrevive às perdas individuais, uma resistência à violência sob a forma de uma rede de relações. Sob esse viés, parece válido considerar a partir da leitura dos versos “Uma cabeça sozinha/não faz verão” (2022, p. 18) que a multiplicação das cabeças seria expressão das relações pensadas por Édouard Glissant. Podemos, nesse caso, imaginar que Artur Timóteo da Costa faz parte desse ser mítico e à sua cabeça se somam as de tantos outros que, em países como o Brasil ou em outros lugares do continente, vão estabelecendo conexões complexas indicativas da existência de outras modalidades de pensamento, outras cosmologias e, portanto, de horizontes diferentes daqueles que, tornados hegemônicos, se apresentam como universais. O diquixi é um arquipélago.

O exemplo da plaquete de Edimilson Pereira mostra claramente a insuficiência das fronteiras que delimitam estados nação e separam povos. As diferenças locais são afirmadas na medida em que constituem a estrutura do arquipélago imaginada por Glissant – as ilhas existem enquanto tais, mas são o que são porque se conectam a outras ilhas. Em outras palavras, a paisagem, enquanto configuração física, social e cultural da realidade local, assoma como política e história.

Se homem e paisagem, cultura e natureza são dicotomias problemáticas, sua fundamentação e seus efeitos parecem estar na *mutilação* como método. A ação que isola, confina, separa, está implicada na redução de existências, biomas e corpos à condição de recurso. A mobilidade da mercadoria é resultado do corte objetificador. A interferência extrativista é essencialmente mutiladora, suspende as relações. Logo, a colonialidade tem como princípio a mutilação, se atualiza na existência mutilada.

A violência mutiladora, no entanto, vem sendo incorporada pela experiência estética. Em sua dimensão política e epistêmica, a mutilação tem sido apropriada como matriz de criação nas artes e literatura desenvolvidas em diferentes regiões da América Latina. Diante das descontinuidades impostas, sujeitos latino-americanos, em suas inserções locais, debruçam-se sobre a potencialidade criadora representada pelo *continuum*, em seu aspecto processual e vivo. Por meio de diferentes procedimentos de subtração, artistas e escritores(as) têm performado a violência na materialidade da linguagem com o fito de expor a contundência de corpos ocultados, negados ou submetidos a desaparecimento forçado. No entanto, se a exposição tem grande importância, está também sujeita a limites de alcance. Operação mais profunda se exige com a incorporação do trabalho criativo com fins propositivos necessários ao enfrentamento ético e estético da colonialidade nas sociedades contemporâneas.

A mutilação é problematizada não apenas em seu resultado, mas como ação, de modo que possa ser convertida em procedimento criativo capaz de, a um só tempo, revelar a violência de práticas e produzir outras formas de imaginar o mundo.

A ação mutiladora está nas cabeças cortadas trazidas à tona por um escritor como Edimilson de Almeida Pereira tanto quanto nos corpos violentados da ficção de Diamela Eltit. A memória que articula a experiência traumática à materialidade dos corpos atravessa a escrita para o poeta de Minas Gerais e a escritora chilena. O diálogo com as artes visuais e com a performance possibilita, de mais de uma maneira, experimentar/experenciar na linguagem processos sociais dolorosos vivos nos corpos. O tecido biológico rompido, ferido e mutilado encarna a escrita da memória esgarçada frente à insuficiência da descrição de eventos e fatos: aposta-se na materialidade performática dos corpos em sofrimento. Desse modo, a sutura, expressão violenta da intervenção em tecidos rotos, mostra-se como meio não de reconstruir o passado ou restituir uma situação anterior, já irremediavelmente perdida, mas de construir uma memória das irregularidades, das faltas e das dores (Daflon, 2022).

Em sua novela *El cuarto mundo* (2004), a experiência biológica da formação dos fetos no útero da mãe ou das crianças, adolescentes e adultos com seus corpos em transformação evidencia o biológico como psicológico, social e cultural. A dimensão biológica não é um aparte e não pode ser concebida fora das discussões que a autora propõe em suas narrativas. Talvez por isso a maternidade seja um tema tão sensível e potente na obra de Eltit, como já explorou com excelência Mary Green (2007). Todavia, na trilogia proposta pela ficcionista chilena – *Jamás el fuego nunca* (2007); *Impuesto a la carne* (2011); *Fuerzas especiales* (2015) –, pode-se alcançar a contundência do corpo biológico numa escrita que se desenvolve performaticamente como experiência também corporal.

Se, em *Impuesto a la carne*, conforme estudo já desenvolvido em *Meu país é um corpo que dói* (2022), a data de comemoração cívica do bicentenário de Independência do Chile é recuperada na existência corporal dolorosa de mãe e filha indígenas; em *Jamás el fuego nunca*, a linguagem desalinha a possibilidade gráfica do tempo linear graças ao seu confinamento no corpo circunscrito à célula (simultaneamente instância biológica, política e espacial) e expõe os meandros difíceis da memória da experiência da ditadura no Chile; também em *Fuerzas especiales*, numa narrativa que explora a situação de conjuntos habitacionais populares sitiados nas periferias das grandes cidades latino-americanas, o confinamento do corpo convive com sua explosão trágica numa linguagem que se deixa atravessar pela violência armada e pelo sexo. As mulheres nas narrativas mencionadas são corpos cuja contundência biológica não dá trégua ao leitor, ao mesmo tempo que Eltit dismantela premissas em torno da naturalidade do corpo feminino ou sua depreciação como “recurso natural”.

Nesse sentido, acredito haver em trabalhos de artistas e escritores como Edimilson Pereira e Diamela Eltit a tensão representada pela incorporação da mutilação, enquanto prática corrente vinculada a ações extrativistas continuadas, ao fazer artístico e literário que busca expor a violência desses processos e contrapô-los a experiências sensíveis de outra ordem. A ação disruptiva do corte encenada na linguagem é convertida em continuidades descontínuas, graças à posição ambígua adotada diante da agressão mutiladora.

As cabeças cortadas e separadas formando arquipélagos de significado em linguagem descontínua, as cabeças são pontos cardeais (os quatro) e se organizam como coordenadas assim como as sentenças:

Como se vê, quatro cabeças
mudam
as coordenadas,
jogam o cárcere às traças.

São cabeças – se me entendem,
apesar
das sentenças.
(Pereira, 2022, p. 14).

Os corpos violentados das mulheres produzindo linguagem, a ênfase nos limites da unidirecionalidade e a memória feita de pedaços aproximados à força, diante do corpo que se impõe, abrindo espaço à força, pela enfermidade, maternidade ou dor:

...en un niño que se incendiaba por la fiebre, que tosía por el olor a parafina, que se retorció en los albores de lo que iba a ser la muerte, la nuestra, nuestra muerte irreversible. Mi mano me enloquece, torcida y acalambrada, dormida, muerta.

Mi mano.

No siento la mano, me dices. Ahora eres tú y tu mano. (Eltit, 2012, p. 139).

A minha, a sua mão. Tantas mãos. A cabeça de quem? A cabeça onde? Não há recomposição possível de alguma forma de integridade, mas também não faz sentido o culto do fragmento como forma em si. Resta o movimento errático de aproximações e afastamentos, a convivência conflitiva com as lacunas, as faltas persistentes. O relacional se estabelece como dinâmica derivada da duplicidade que torna possível a assimilação conflituosa da mutilação: trata-se de contestar sem apagar, performar o caráter insidioso dos extermínios na linguagem por meio do movimento duplo de revelar e reconfigurar, apropriar-se do método do opressor sem reproduzir seu etos destruidor. A contradição representada pela opção de partir de estruturas violentas de dissociação para a construção de teias relacionais se torna viável como ética e estética na medida em que se concebe a relação como experiência processual da diversidade.

Sem dúvida, a assunção da mutilação como princípio criativo não constitui uma tentativa de apaziguamento ou mesmo uma ressignificação completa da violência para convertê-la em ação positiva, isso seria ainda caminhar na trilha das dicotomias modernas. De fato, se compreende que esse processo permite fazer a disputa pela memória e história em contextos de dominação e destruição graças ao inconformismo traduzido em atitude relacional. Contrapor-se, no caso, não se apresenta como uma tentativa de restituição do já perdido. Na verdade, é fundamental assumir a perda sem se conformar a ela para, assim, gritar o que foi subtraído, devorar a violência para torná-la interferência criativa no mundo. Nesse sentido, o encontro das questões racial e de gênero se mostra particularmente importante, sem, todavia, restringir-se a um discurso e a um posicionamento identitário que se mostre inflexível e autolimitado – algo, por fim, muito distante de uma experiência relacional.

Como pesquisador e poeta, Edimilson de Almeida Pereira, preocupado com a questão da cultura popular herdeira dos povos negros que vieram como escravos ao Brasil, vem desenvolvendo uma ensaística e poesia que se articulam, buscando na linguagem formas de reconfiguração de um quadro social que se construiu sobre o silenciamento de vidas e modos de viver. A prosa de Diamela Eltit aponta também para o extermínio enquanto expressão máxima do extrativismo e resultado da violência sistemática contra indígenas, negros, mulheres, trabalhadores e dissidentes políticos. A ficção de Eltit desnuda a crueldade de formas de controle sobre o corpo e permite perceber como se associam ao estado autoritário, patriarcal e militarizado. Imagens de inocência ou moralmente intocáveis, como a maternidade, ganham outros matizes associados à brutalidade de processos orgânicos.

Ensaiair a relação

O caráter dinâmico do conhecimento garante a vitalidade das áreas de estudo e representa um desafio contínuo aos pesquisadores que precisam lidar com um conjunto estabelecido de saberes e, ao mesmo tempo, vislumbrar caminhos de renovação. Entende-se que, no âmbito da literatura e da cultura de países latino-americanos, a demanda por inovação implica, de um lado, a afirmação de um pensamento construído a partir de perspectivas epistemológicas próprias, ou seja, o pesquisador como produtor e não reproduzidor de conhecimento. Não se trata, certamente, de se propor o isolamento em relação às reflexões produzidas fora do contexto local, mas reconhecer a necessidade de se construírem parâmetros associados a uma realidade que exige formas particulares de conceber o mundo. Por outro lado, questões que surgem na esfera do pensamento contemporâneo podem suscitar revisões do passado e apontar para rumos críticos pouco trilhados.

A revisão metodológica é de fato relevante na medida em que implica uma atitude reflexiva permanente de modo a rever orientações teóricas e práticas de pesquisa. Além disso, pensar o ofício do crítico

como práxis decolonial significa, como Mignolo e Walsh (2018) defendem, agir sobre o mundo como forma de pensamento ao mesmo tempo em que pensar se traduz em ações. Ou seja, trata-se de atuar de modo a formular teoricamente e de forma constante a partir dessa prática para assim modificá-la. A renovação permanente da reflexão nesses termos soma forças à atitude que considera urgente produzir conhecimento em consonância com as idiosincrasias do contexto em que foi formulado e para o qual esse saber deve voltar-se. Repercussões para além das circunstâncias originais são possíveis, mas não se confundem com abstrações universais. Em síntese, acenam no horizonte da crítica latino-americana contemporânea processos de renovação metodológica, fortalecimento de perspectivas culturais locais, desnaturalização de distinções que movem hierarquias sociais problemáticas, incorporação de perspectivas decoloniais aos estudos de arte e literatura.

Para propor uma poética da relação, o poeta e ensaísta antilhano Édouard Glissant se baseia na realidade geográfica do Caribe, de modo que o arquipélago e a topografia da região funcionem como ponto de apoio sobre o qual se constrói o pensamento da relação. Sob esses parâmetros, o escritor afirma que a poética da relação ocorre quando há o esgotamento de novas regiões a serem exploradas, o que exige “conhecer” mais do que “descobrir”. A essa altura, é possível a mudança de atitude de caribenhos e latino-americanos, pois podem deixar de deslocar-se da periferia ao centro para passar a movimentar-se de periferia a periferia, para assim converter “toda a periferia em centro” e mais ainda eliminar “a noção mesma de centro e periferia” (Glissant, 2017, p. 63). À relação imaginada por Glissant se acresce a ideia de *caos-mundo*: tendo como referência a teoria do caos na física, o ensaísta desenvolve uma visão poética que torna aceitável o *imprevisível* e permite que este aja sobre nossa sensibilidade (Glissant, 2005, p. 103). Nesse caso, o destaque dado ao *lugar*, bem como sua afirmação, não está a serviço de novas divisões e hierarquias, mas se integra à ideia de *totalidade mundo*, uma totalidade instituída sobre a diferença e a diversidade, e que não se rende nem a formas absolutas e abstratas, muito menos ao isolamento e à compartimentalização. Em noções como caos-mundo e totalidade mundo, prevalece a ideia de conjunto composto por uma diversidade irreduzível.

Consequentemente, o que se situa como associações na descontinuidade não corresponde, nesse caso, a uma tentativa de eliminar falhas e irregularidades, mas de reativar uma ética e uma epistemologia que convoca relações. Nesse sentido, a abstração e a divisão se alimentam mutuamente e são, em certa medida, coextensivas; pois é a partição insistente da realidade ou daquilo que se identifica ao corpo e à materialidade que relega à esfera da abstração qualquer possibilidade de integração e conjunto. Abstraída, a totalidade é totalizante, forma única e absoluta, que se impõe como universal.

Nos textos de Édouard Glissant, a confluência entre pensamento e linguagem poética se realiza ensaísticamente, ao mesmo tempo que aponta para a demanda contínua por outras modalidades expressivas

e cognitivas. Em seu estudo sobre o ensaio, Liliana Weinberg (2014) estabelece relação entre o gênero enquanto um “nuevo modo de entender, ler y escribir la experiencia humana” (p. 10), e a América apresentada como Novo Mundo: “el nuevo mundo del ensayo y el ensayo del nuevo mundo” (p. 10). Teriam em comum a plasticidade de formas em construção desde o século XVI, abertas, compreensivas, feitas de *mesclas*. A autora acrescenta que o ensaio se tornou o grande gênero do século XIX na América Latina, ao promover a aliança entre privado e público, estético e político.

A reflexão de Weinberg, ao buscar considerar as feições do ensaio no contexto latino-americano, expõe como formas discursivas se constituem e se transformam a partir da realidade de regiões conquistadas. A prática do ensaio em Glissant se insere, portanto, em uma tradição do ensaísmo na América Latina na medida mesma que resulta da associação entre uma experiência *local* e a construção de conhecimento. A conduta do(a) escritor(a), nesses termos, se dá no sentido de articular o social, o estético e o epistemológico em sua produção escrita. A adesão à paisagem local permite, por modos distintos, que Patricio Guzmán e o poeta antilhano proponham “um *continuum* do descontínuo” (Glissant, 2005, p. 117) apreensível no exercício poético da linguagem – afinal, lidam com ausências e violentas secções.

Diamela Eltit considera a relevância do ensaio em tempos de aprisionamento da forma e do pensamento. A seu ver, o ensaísmo aciona o inventivo e o imprevisível, em diferença ao caráter homogêneo e uniforme dos modelos rígidos de escrita adotados nas universidades. Nesse sentido, Eltit ressalta como o ensaio se realiza por meio do estabelecimento de encontros e relações.

El ensayo académico le pertenece a la práctica intensa de cruces de lecturas. Le pertenece a la audacia de escribir una lectura más. En esa dirección el ensayo contiene una diversidad de signos que ingresan de manera compleja y abren una disyuntiva en torno a lo propio y a lo ajeno. Una zona temblorosa y inestable, un espacio abismal que muestra y demuestra que, en el filo de lo propio yace la extensión de lo ajeno, que ya no es ni propio ni ajeno... (Eltit, 2016, p. 75).

Seu ponto de vista afirma o vigor da ensaística como exercício do relacional na mesma medida em que é expressão da alteridade. Por esse viés, não seria precipitado dizer que o ensaio, tal como o concebe Diamela Eltit e tantos outros prosadores latino-americanos, pode ser encarado como expressão escrita de uma abordagem relacional. Essa perspectiva, sem dúvida, obriga a considerar a linguagem parte do trabalho crítico e compreender que a forma preexistente e modelar, no campo das humanidades, pode ter efeitos negativos sobre a criatividade. A afirmação de uma atitude ensaística, nesse caso, tem um sentido ético e epistêmico importante. A respeito do ensaio, Edimilson de Almeida Pereira declara: “Se há algo que me atrai no ensaio e no poema é sua condição de incompletude e transitoriedade” (2023a, p. 43).

Na experiência representada por seu livro *Blue note: entrevista imaginada*, encontramos um exemplo importante da necessidade de reflexão sobre a forma que assume a produção crítica. Publicado inicialmente em 2013 e reeditado em 2023 (em edição revista e ampliada pelo autor), *Blue note* expõe a força criativa e reflexiva de processos de montagem aplicados a diversas entrevistas concedidas pelo poeta a diferentes entrevistadores em distintas ocasiões. A distribuição de perguntas e respostas por blocos temáticos opera a favor do formato de coletânea de ensaios, mas prevalece a mistura de registros, procedimentos e recursos: “Dividido em oito partes, *Blue note* aponta as vinculações entre a criação poética e o trabalho ensaístico, a autobiografia e os estudos culturais, a reflexão teórica e os fatos da vida cotidiana” (Pereira, 2023a, p. 9).

O encontro de modalidades discursivas, formas e gêneros não significa uma mescla indiferenciada. Ciente de que diferenciar não equivale a separar, a prática da escrita se constrói à feição de diquixi, isto é, construção de redes entretecidas em um fazer dinâmico e coletivo. Além disso, os muitos entrevistadores permitem encenar a estrutura de uma conversa que, enquanto tal, não pode ser vista como resultado de uma voz única. São muitas as vozes e situações entrelaçadas pela teia do escritor, ou, nas suas palavras: “a ética da escrita se ampara em relações de solidariedade, que tornam a voz do poeta – reconhecida em sua especificidade – um grão entre outras vozes, muitas vozes, enfim, interessadas na defesa da vida” (Pereira, 2023a, p. 75). Talvez essas existências sejam ilhas formando o arquipélago-pensamento imaginado por Édouard Glissant ou mesmo as muitas cabeças do diquixi, entidade que sobrevive da solidariedade do conjunto.

A alusão musical do título recupera o interesse do poeta por expressões musicais do Atlântico Negro, para mencionar a reflexão de Paul Gilroy (2012). Blues e jazz estão entre os ritmos aos quais Edimilson Pereira dá tratamento poético em mais de uma ocasião, caso, por exemplo, do livro *A morte também aprecia o jazz* (2023b). Dentre os poemas da edição, encontramos “Ananse” e localizamos o fio sonoro da música, palavra, da frase também como escrita, o que ratifica a dimensão fortemente relacional que atravessa uma produção poética que se insere no contexto transnacional de outras literaturas. “Lições caribenhas”, “Na Ópera de Wifredo Lam”, “Oop Bop Sh’Bam” ou “Cobiana Djazz”, entre outros tantos poemas representativos de redes culturais afrodiaspóricas. Norte e Sul não dão conta.

Em sua força ética, as experiências estéticas de Edimilson de Almeida Pereira e Diamela Eltit, diante das diferenças consideráveis entre o poeta mineiro e a autora chilena, se revelam como parte de uma prática relacional. Essa busca por construir conexões está presente tanto na urdidura de uma obra em que a ensaística e a ficção caminham juntas quanto na possibilidade de intercâmbios entre escritores(as) que compartilham a experiência do Sul Global. Seria equivocados, porém, supor que Eltit e Pereira rejeitam o Norte, uma vez que uma tal atitude

negaria a diversidade que ambos defendem com veemência. Na verdade, a experiência do Sul estaria, sobretudo, na sua capacidade de, em prol de disposições mais complexas e dinâmicas, resistir à redução do mundo em dois polos opostos.

Por outro lado, a atitude relacional se liga à desobediência epistêmica, para remeter à proposta de Walter Mignolo (2010), bem como a atitudes problematizadoras frente às demarcações disciplinares. A travessia de fronteiras por áreas de conhecimento deve ainda se associar a uma movimentação mais flexível por diferentes linguagens a fim de postular continuidades não imediatamente visíveis. O *continuum*, nesse caso, não se confunde a um preenchimento completo e definitivo das descontinuidades, muitos menos supõe ignorar diferenças ou constituir unidades homogêneas, até porque um itinerário de trabalho que suscita o enfrentamento de linguagens e fazeres precisa, antes de mais nada, deter-se nas materialidades e nos agenciamentos apresentados pelas obras.

Ainda nesse sentido, ao se afirmar o relacional tal como é defendido por Édouard Glissant, atualiza-se a complexidade de processos espaço-temporais heterogêneos, dinâmicos e irregulares; em outras palavras, se experimenta o desafio metodológico de não se pensar em termos de categorias autoexcludentes, mas entranhar-se pela inconstância e multiplicidade de tramas. O trabalho crítico, ao mesmo tempo que constitui uma instância de escuta e recepção, convive com as artes e outras linguagens formando um tecido complexo e vivo. Não há nesse tecido continuísmos ou continuidades diretas e simples, mas continuidades descontínuas. Em outras palavras, mundos estiveram aí por muito tempo, mas não necessariamente sempre iguais a si mesmos, e é precisamente essa teia diversa e viva que o modelo extrativista de base colonial ataca.

Última nota

Ao explorar a *mutilación* e situar a crueldade na superfície do visível, sem dúvida, ganham força de denúncia poemas como *Diquixi*, bem como a ficção de Diamela Eltit. Esta, por exemplo, em seu romance *Fuerzas especiales*, encarna na linguagem a experiência da ação armada inserida (à força) no cotidiano dos subúrbios de grandes cidades latino-americanas, como Santiago no Chile. Eltit (2015) incorpora à narração a experiência rotineira das invasões sofridas por moradores de periferia quando opta por, repetidas vezes ao longo do livro, interromper bruscamente o relato para introduzir frases padronizadas em que são elencados itens de um arsenal quase infinito de dispositivos de destruição: “Es normal, es común, dijo mi madre, corriente, dijo. Había cuatro mil doscientos cazabombarderos Azarahsh. Nos acomodamos. Mi papá era mentiroso, distinto, raro.” (p. 160); “Nunca, dijo mi hermana, porque me los robaron, sí, a mis niños. Había tres millones de rifles de franco-tirador M107. Me habría gustado tomarles una foto a las dos con celu para conservar sus rostros (...)” (p. 166) e “Dicen que en cárceles se amotinan. Había diez mil Redback teledirigidas. Pero aquí no es necesario, no es necesario.”

(p.167). Os núcleos familiares conflitivos, a mãe mutilada pela perda dos filhos, o isolamento que suprime o sujeito do tecido social, a narrativa interrompida e rompida pela materialidade das armas: são várias as feições que a mutilação assume enquanto esgarçamento das relações intersubjetivas no tempo e no espaço. Simultaneamente, a repetição insistente desse procedimento ao longo de todo o livro oferece uma experiência de continuidade, o que propõe conexões, ainda que não imediatamente evidentes, entre as diferentes situações vividas pelas personagens e o estado militarizado. Por outro lado, se as incursões violentas da polícia são performadas pela intrusão desse arsenal no fluxo narrativo, o confinamento imposto (na célula, no asilo psiquiátrico ou no condomínio popular) constitui estratégia frequente de um modelo de poder e de sociedade cujo princípio é a eliminação, o descarte, a supressão e a desconexão. Nesse sentido, a criação narrativa de situações de enclausuramento expõe o confinamento também como ação mutiladora na medida em que o sujeito alienado de experiências se vê privado de fazer parte das redes instituídas na vida e na sociedade. A privação de que se trata também é da humanidade: os sujeitos são cabeças cortadas. Essa alienação enquanto vivência do corte, para ser experienciada literariamente, precisa incidir na materialidade da linguagem.

Em *Jamás el fuego nunca*, por meio de uma narrativa que não desenvolve nexos de causalidade evidentes, a dimensão sociopolítica da situação de um casal de ex-militantes confinado é alcançada pela construção de ligações não prontamente apreensíveis. A força da linguagem aparece impressa em frenéticos processos de embaralhamento, em movimentos de composição e decomposição que informam e desinformam, numa prática em que a compreensão se dá pela contundência do contato com a camada espessa da escrita. Em outras palavras, no romance de 2007, a violência do discurso que se esfacela se inscreve na intensidade barroca que comporta descontinuidades e continuidades. Fissuras, lacunas e interrupções se coadunam a embaralhamentos, o que institui, na superfície do texto, a brutalidade própria a excisões, incisuras e suturas que conjugam passado e presente, memória e história, privado e público, corpo e sociedade.

As formas como Diamela Eltit e Edimilson Pereira reelaboram por meio de suturas, aproximações de pedaços, desfiguração e cortes profundos na materialidade de suas linguagens levam a crer que, em suas diferenças, ambos investem em procedimentos criativos capazes de apontar rumos, alternativas e possibilidades de uma literatura em que se enfatize o vigor político da experimentação estética. A criação de mundos ou de mundialidades diferentes dos que se configuraram na chave da modernidade/colonialidade não se confunde, entretanto, nem ao escapismo que impossibilita a atuação sobre a realidade nem à ilusão de que seria possível restituir uma antiga condição ou sanar as mazelas provocadas pelos rumos da história. Há algo irremediavelmente perdido e mutilado: essa é uma perspectiva reconhecível nos trabalhos citados. Logo, talvez a pergunta a ser feita seja sobre como artistas e escritores(as)

têm lidado com descontinuidades violentas infligidas a territórios do Sul Global; isto é, como exercitam a linguagem e a criação para processar histórica, política, estética e epistemicamente a desagregação inerente à colonialidade.

São muitas as figurações do coletivo, da diversidade e das redes solidárias na obra de Edimilson de Almeida Pereira. Em seu trabalho, sobressai a busca por articulação e diálogo, sua capacidade de entretecer teias como Ananse. Multiplicando e conectando. E construir redes parte, como fica bastante evidente nos diferentes textos do autor, de uma revisão das ontologias essencialistas, do reconhecimento da centralidade do relacional e das constituições dinâmicas. Em *Blue Note*, a diversidade de interlocutores, tempos, espaços – associada a modalidades discursivas também diversas como a entrevista, a conferência, o texto crítico, o comentário, transitando pela escrita e pela oralidade – se torna possível graças, de um lado, à edição e à montagem como procedimentos compositivos; e, de outro, à transversalidade do processo criativo. O emprego de procedimentos criativos intercomunicantes converte entrevistas concedidas em situações concretas em um conjunto imaginado, resultado do processo de edição que reúne, sob núcleos temáticos, diferentes momentos, conversas e sujeitos. Nesse sentido, *Blue Note* constitui um exercício de recriação que nos revela como, para o poeta, o crítico e o criativo, o ético e o estético, a pesquisa e a poesia estão longe de representarem fazeres e saberes isolados. Esse tipo de procedimento expõe as limitações da moldura do pensamento ocidental segundo o qual a diferenciação equivale necessariamente ao estabelecimento de um corte ou separação. A atitude relacional assumida pelo escritor aponta, assim, para a existência de diversas formas de diferenciação e demonstra como a diversidade implica reconsiderar a equivalência entre diferenciar e separar.

Diante disso, não parece ousado afirmar que o movimento de criação na obra de Edimilson de Almeida Pereira se caracteriza pelo ensaísmo, tanto porque é experimental quanto porque não é unívoco. Mas, ao mesmo tempo, entendo que essa atitude ensaística estaria baseada na busca por um comum; ou seja, por algo compartilhado em meio às diferenças mais declaradas. Esse posicionamento pode ser percebido como resultado do encontro entre o ético e o estético praticado pelo poeta, sem esse tipo de confluência não se poderia converter o comunal em princípio criativo. O compromisso com o coletivo autoriza evocar linguagens, saberes, tradições, línguas, poetas, geografias, modalidades discursivas etc.: em suma, o comum possibilitado pela construção de uma diversidade dinâmica e instável em que as particularidades são preservadas. Além disso, se aproximações e deslocamentos (para perto ou para longe) revelam (ou propõem) uma zona de partilhas não reconhecida ou não imediatamente visível, não espanta que, introduzidos na criação literária, soem inapreensíveis e produzam efeitos de estranhamento. Nesses termos, podemos imaginar que a dissonância estaria também vinculada à construção do que se poderia ter em comum.

Referências

DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

ELTIT, Diamela. El cuarto mundo. In: *Tres novelas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2004. p.61-113

ELTIT, Diamela. *Impuesto a la carne*. 3. ed. Santiago: Editorial Planeta Chilena, 2011.

ELTIT, Diamela. *Jamás el fuego nunca*. Cáceres: Periférica, 2007.

ELTIT, Diamela. *Emergencias*. Santiago: Editorial Planeta, 2014.

ELTIT, Diamela. *Fuerzas especiales*. Cáceres: Periférica, 2015.

ELTIT, Diamela. *Réplicas: escritos sobre literatura, arte y política*. Santiago: Editorial Planeta, 2016.

ERRÁZURIZ, Paz; ELTIT, Diamela. *O infarto da alma*. Tradução de Livia Deorsola. São Paulo: IMS, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Poética de la relación*. Tradução de Senda Inés Sferco e Ana Paula Penchaszadeh. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

GREEN, Mary. *Diamela Eltit: reading the mother*. Woodbridge: Tamesis, 2007.

GUZMÁN, Patricio. *Filmar lo que no se ve: una manera de hacer documentales*. Madri: DOCMA Asociación de Cine Documental, 2016.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. *On decoloniality*. United States: Duke University Press, 2018.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Diquixi: estudo para cabeças de Artur Timóteo da Costa*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Blue note: entrevista imaginada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023a.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *A morte também aprecia o jazz*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023b.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX*. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

WEINBERG, Liliana. *El ensayo en busca del sentido*. Madrid: Iberoamericana, 2014.s no Brasil do século XIX: Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

**The South is a Place in the Totality-World:
Relational Criticism and Literature in Latin
America**

ABSTRACT:

The present essay explores the potentialities represented by a relational literature and criticism in Latin America; that is, one committed to multidirectional and dynamic processes not confined by the limits imposed by national, disciplinary, or formal boundaries. To this end, the theoretical foundation was established through the work of Caribbean poet and essayist Édouard Glissant, with an emphasis on the concepts of world-totality, place, diversity, and relation, combined with a decolonial perspective. Glissant's Poetics of Relation and the contributions of decolonial studies made possible a critique of modern dichotomous structures (such as center and periphery, nature and culture, body and mind), while exploring the perception of non-obvious ethical and aesthetic consonances within contemporary Latin American literature. In this framework, the study sought to identify intercommunicative creative processes developed in Latin American contexts through a comparative analysis of works by Brazilian poet Edimilson de Almeida Pereira and Chilean writer Diamela Eltit. Recognizing that, despite their evident differences, both Pereira and Eltit explore the violence imprinted on the body of language as part of a creative attitude capable of summoning relations, the essay proposes mutilation as an operational concept for the critical reading of works that, like those selected, presuppose place as an element in the enunciation of experience in the Global South. In these terms, mutilation would constitute an aesthetic element connecting literary activities developed through the creative and reflexive appropriation of destructive actions in geopolitical and cultural contexts marked by coloniality. Concurrently, the essay itself seeks to develop as an exercise in relation, transformed into a methodological foundation for literary criticism.

Keywords: Diamela Eltit. Edimilson de Almeida Pereira. Édouard Glissant. Relation and mutilation. Latin American Essay and criticism.